

# O IMAGINÁRIO EM TORNO DO SUJEITO SURDO NA CONSTITUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Elenir Guerra<sup>1</sup>  
Célia Bassuma Fernandes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo discute o imaginário em torno do sujeito surdo na constituição dos dicionários de Libras publicados em 2001 e 2009, a partir das designações ‘informante’ e ‘colaborador’. Com base na Análise de Discurso de linha francesa, articulada à História das Ideias Linguísticas, o estudo analisa como essas designações inscrevem o sujeito surdo em diferentes posições discursivas, atravessadas por formações ideológicas específicas. Ao interpretar recortes dos elementos pré-textuais sobre as equipes editoriais das duas obras, observa-se que os sentidos atribuídos aos sujeitos surdos são historicamente determinados e refletem disputas em torno da autoria e da legitimidade do saber sobre a Libras. A análise mostra que, embora o deslocamento da designação de ‘informante’ para ‘colaborador’ represente uma tentativa de valorização simbólica da participação surda, ainda persiste a desigualdade na constituição do conhecimento lexicográfico. O trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a forma de designar o surdo do sujeito-surdo no processo de gramatização da Libras.

**Palavras-chave:** Sujeito Surdo; Designação; Autoria; Análise de Discurso; Dicionários de Libras.

## THE IMAGINARY SURROUNDING THE DEAF SUBJECT IN THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE DICTIONARIES CONSTITUTION

**Abstract:** This article discusses the imaginary that surrounds the deaf subject in the Libras dictionaries’ constitution, published in 2001 and 2009, based on the designations ‘informant’ and ‘collaborator’. Based on French Discourse Analysis, articulated with the History of Linguistic Ideas, the present study analyses how these designations inscribe the deaf subject in different discursive positions, crossed by specific ideological formations. Interpreting excerpts of the pre-textual elements about the two works’ editorial teams, it is observed that the meanings attributed to deaf subjects are historically determined and reflect disputes over authorship and the legitimacy of knowledge about Libras. The analysis shows that, although the mobility in the designation from ‘informant’ to ‘collaborator’ represents an attempt to symbolically to value deaf participation, inequality persists in the constitution of lexicographic knowledge. The work proposes a critical reflection on the way of designating the deaf from the deaf subject in the process of grammaticalization of Libras.

**Keywords:** Deaf Subject; Designation; Authorship; Discourse Analysis; Libras Dictionaries.

1 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras, UNICENTRO. E-mail: Ele\_marc@yahoo.com.br

2 Doutora em Letras (UEL), docente do PPGL. E-mail: basselfer@hotmail.com

## Palavras Iniciais:

Historicamente, o surdo tem enfrentado muitas dificuldades, por isso, é importante compreender como o surgimento da língua de sinais transformou a vida desses sujeitos. A Lei 10.436/2002, em seu parágrafo único, reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras como a forma de comunicação e expressão dos sujeitos da comunidade surda do Brasil isto é, como “sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p.01).

No entanto, foi através do Decreto 5.626/2005, em seu Art. 2º, que a pessoa surda passou a ser discursivizada como “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras”, bem como a sua institucionalização e disciplinarização no reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como forma de comunicação e de expressão. Exemplo disso, é que o desenvolvimento de termos técnicos em Libras, como nas áreas de saúde, educação e tecnologia, contou com a participação de surdos especialistas nessas áreas, facilitando a criação de um vocabulário capaz de atender às necessidades específicas dessa comunidade. Além disso, essa colaboração não só valida os sinais, mas também assegura que a comunidade surda tenha acesso às informações de maneira compreensível.

Contudo, apesar do reconhecimento da Libras como língua legítima do sujeito surdo, há ainda, muitas dificuldades para que essa comunidade possa ter seus direitos assegurados por lei, especialmente no que se refere ao ensino/aprendizagem de sua língua materna. Nesse processo de construção do saber metalinguístico de Libras, destacamos o processo de produção dos dicionários, os quais influenciaram significativamente a comunidade

surda brasileira por várias razões, dentre as quais, destacamos a valorização da cultura surda, o acesso à informação, à educação, à comunicação e à inclusão.

Auroux (2014) define o **saber metalinguístico** como um conhecimento sistemático sobre a língua que permite **falar dela** por meio de categorias e conceitos próprios. Esse saber é fundamental para o processo de **gramatização**, isto é, para a sistematização das línguas por meio de tecnologias como a gramática e os dicionários. Esse conhecimento sobre a língua, difere do saber epilinguístico, conhecimento prático, intuitivo e não sistematizado sobre uma língua, que está presente em todos os falantes nativos, antes mesmo da escolarização ou do contato com gramáticas formais. É ele que permite usar a língua no cotidiano.

O dicionário funciona como um registro da língua, ajudando na pesquisa e na preservação de palavras e expressões que podem ser relevantes para as comunidades surdas, além de ajudar a reconhecer e a valorizar a língua de sinais como língua com estrutura e gramática distintas, fortalecendo a identidade cultural dessa comunidade.

Nesse sentido, o dicionário facilita o aprendizado de Libras e promove o ensino bilíngue, processo no qual a Libras é apresentada como a língua de instrução, ao passo que a Língua Portuguesa é ensinada, na modalidade escrita, como segunda língua. A existência de um dicionário em língua de sinais aumenta o reconhecimento sobre Libras e os direitos da comunidade surda, fomentando discussões sobre acessibilidade e inclusão em diversos espaços da sociedade. Em suma, os Dicionários de Libras são instrumentos tecnológicos que contribuem para a promoção da autonomia, inclusão e valorização da cultura surda no Brasil.

Tomando como norte a produção de dicionários de Libras, esta pesquisa tem como objetivo discutir a designação do sujeito surdo em dois dicionários da Língua Brasileira de

Sinais (Libras): o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2001) e o Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009).

Guimarães (2003) assevera que a designação é a significação de um nome em comparação com outros e a relação deste com o mundo historicamente significado pelo nome. De acordo com ele: “a designação não é algo abstrato, mas linguístico histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real” (Guimarães, 2003, p.54). Sendo assim, as designações têm uma função que não se reduz à de indicar a existência de alguma coisa ou lugar, mas funciona como “elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte” (Guimarães, 2003, p.54).

As duas obras recortadas para a análise são uma coletânea composta por dois volumes. O primeiro volume do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Libras: sinais de A à L (2001), apresenta como elementos pré-textuais, um resumo do currículo dos editores, Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Rafael, e a descrição da equipe editorial, composta por sujeitos surdos significados como ‘informantes’, dedicatória, agradecimentos, apresentações, resumo, *abstract*, prefácio e capítulos introdutórios. O segundo volume é composto por verbetes/sinais de M a Z, capítulos de indexação, capítulos de educação em surdez, capítulos de tecnologia em surdez e bibliografia.

O primeiro volume do Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais, publicado em 2009, traz um resumo do currículo dos três editores/autores: Aline Cristina L. Mauricio, Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Rafael, e apresenta de maneira resumida a história dos surdos, esclarecendo as principais metodologias de ensino para o sujeito surdo: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo. Apresenta, em seguida, um breve panorama sobre as leis de Libras e uma explicação acerca

da organização dos verbetes em *SignWriting* (escrita de sinais), língua de sinais, português e inglês. Seis sujeitos surdos do Ceará e duas intérpretes de Libras de instituições como a Feneis - SP e Associação de Surdos de Uberlândia, compõem a equipe editorial e assumem a posição-sujeito de ‘colaboradores’. O volume II traz o Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas: Sinais de I a Z, capítulos de Indexação *New English-Portuguese Thesaurus*, Subdicionário Inglês-Português; índice semântico dos sinais de Libras; conteúdo semântico dos sinais de Libras; bibliografia e apêndice.

A escolha por essas duas obras se justifica por sua relevância histórica no processo de gramatização da Libras, enquanto língua da comunidade surda reconhecida nacionalmente, além de possibilitar compreender como o sujeito surdo vem sendo discursivizado durante a organização e sistematização de sua própria língua, nos dois dicionários recortados para análise.

Para sustentar nossa análise, mobilizamos o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de tradição francesa e que encontrou, no Brasil, um terreno fértil para que fosse ampliada e desenvolvida pelos estudos de Eni Orlandi e pesquisadores que se juntaram a ela com o fito de fazer avançar os pressupostos básicos da teoria. Também articulamos conceitos da História das Ideias Linguísticas, em especial, de disciplinarização do conhecimento e de gramatização das línguas, conforme Aurox (2014).

## **Processo de gramatização da Libras: o dicionário**

Aurox (2014) assevera que a disciplinarização diz respeito à maneira como os saberes se organizam e se constituem enquanto campos específicos, influenciados

pelo desenvolvimento de tecnologias de coleta, armazenamento e circulação do conhecimento.

A gramatização, por sua vez, refere-se à sistematização das línguas por meio da produção de gramáticas e dicionários, considerados instrumentos tecnológicos do saber que contribuem para a estruturação e difusão das línguas. Conforme Auroux (2014, p. 65), o processo de gramatização, consiste em “descrever e instrumentalizar uma língua por meio de duas tecnologias, a gramática e o dicionário que ainda hoje sustentam nosso saber metalinguístico”. Compreender o processo de gramatização das línguas envolve, portanto, considerar os instrumentos tecnológicos do saber que sustentam essa construção: a gramática e o dicionário (Auroux, 2014).

A gramática define as leis/regras gerais que organizam o funcionamento linguístico, assegurando a unidade da língua enquanto o dicionário reúne o conjunto de palavras que formam essa língua, isto é, fornece os itens lexicais e seus significados, organizando-os de forma sistemática. Petri (2020, p. 40) afirma que “o dicionário trabalha na reprodução dos efeitos de completude, seja sobre um imaginário de um livro que deve conter todas as palavras de uma dada língua, seja pela palavra enquanto entrada/verbete que conteria as definições, os exemplos, os sinônimos, etc”.

Por sua vez, Guerra (2022) destaca que há uma memória discursiva que ancora a compreensão dos dicionários como obras de referência e consulta, acionadas em momentos de dúvida quanto ao significado das palavras. Isso porque, assim como a gramática, esse instrumento linguístico da gramatização produz, naqueles quem os acessam, um efeito de sentido de completude e de certitude, sustentado pela ilusão de que a língua é homogênea, estável e universal, “sempre idêntica a ela mesma, porque independente do espaço, das circunstâncias e dos locutores” (Auroux, 2014, p. 73) e de que todas as palavras de uma língua estão ali contidas e de que seus sentidos estão estabilizados.

Conforme Guerra (2022, p. 69), os dicionários de Libras asseguram a representatividade do sujeito surdo, no imaginário da língua, em que “a ideia de que o dicionário contém todas as palavras/sinais é uma ilusão, embora ele contemple boa parte dos sinais utilizados pela comunidade surda”.

Ao longo dos anos, os documentos que reconhecem a Língua Brasileira de Sinais como língua da comunidade surda do Brasil foram ganhando espaço e isso possibilitou que a comunidade surda pudesse ter acesso a essas obras como *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, obra de Flausino da Gama (1875); *Linguagem das Mãos* (1988) de Eugênio Oates (1988).

A partir de 2001, surgiram dicionários que facilitaram a comunicação e o ensino da língua entre os surdos, mas também abriram debates sobre a sua autoria, uma vez que esses sujeitos nem sempre puderam participar do processo de produção dos dicionários. A questão é: como pensar num dicionário para surdos elaborado por sujeitos ouvintes?

Nesse mesmo ano, é publicado o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras*, de autoria de Fernando César Capovilla e colaboradores, o processo de organização da língua de sinais por meio de um dos instrumentos tecnológicos do saber – o dicionário, se intensificou. Nesse sentido, o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (Libras)* constitui o primeiro dicionário de Libras do Brasil, fruto de anos de pesquisa do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O dicionário foi desenvolvido com o auxílio de ‘informantes Surdos’ de várias organizações e professores Surdos da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), que têm como objetivo o ensino da língua de sinais brasileira.

Segundo o autor, o corpo de milhares de sinais do dicionário passou pelo escrutínio

de revisores surdos, que durante um ano, em reuniões semanais, discutiram e aperfeiçoaram os sinais e os seus significados. Para ele, “este dicionário objetiva ser instrumento para concretização da educação bilíngue no Brasil e o resgate da cidadania do Surdo brasileiro” (Capovilla, 2001, s/p).

O Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009) é um trabalho de duas décadas, financiado por diversos organismos nacionais e internacionais, em especial, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ e pela Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES, em parceria com a Secretaria de Educação Especial, cujo objetivo é “fornecer um Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais, baseado em linguística e neurociências cognitivas. Ele representa um desdobramento de obras anteriores, ampliando o léxico de sinais e introduzindo inovações, como a soletração digital dos verbetes” (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009, p. 18). De acordo com os autores,

[...] o melhor modelo de Educação de Surdos consiste na articulação, em contra-turno, entre educação principal ministrada em Libras e Português escrito na escola específica para surdos (em presença de colegas surdos e sobre professor sinalizador fluente em Libras), e educação como aumentar sobre inclusão na escola comum (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2009, p. 18).

Esses dicionários de Libras, dos quais recortamos o *corpus* dessa pesquisa, foram ganhando espaço e se tornaram instrumentos linguísticos que não apenas asseguram a produção do saber dessa língua, em particular, mas ancoram o movimento social da comunidade surda, no Brasil. Além disso, a contribuição de anos de pesquisa e estudos para desenvolver um dicionário de Libras possibilita construir um

imaginário em torno do sujeito surdo e da sua língua, de modo que a comunidade surda possa ter seus direitos assegurados por lei.

## Gesto de Interpretação

Ao pensarmos no processo de produção das gramáticas e dos dicionários, retomamos Pêcheux (2014), que assevera que o sujeito não é anterior ao discurso, mas constituído por ele; ou seja, o sujeito é um efeito da linguagem e da ideologia. Ele está sempre “atravessado pela ideologia”, o que significa que o lugar de onde ele produz o discurso e os sentidos são determinados pelas formações discursivas nas quais se inscrevem.

A interpelação ideológica, nesse sentido, é o processo pelo qual o sujeito é chamado a ocupar um lugar no discurso e, ao responder a esse chamado, se constitui como tal. Assim, o sujeito é histórico, inconsciente e ideológico: ele não domina totalmente o que diz nem os sentidos que produz, pois fala sempre de um lugar determinado por relações de poder e pelo funcionamento da memória discursiva.

Desse modo, a língua não pode ser compreendida como um sistema de signos, que funciona de maneira organizada, como a compreendia Saussure. Ao contrário, deve ser entendida como espaço de disputa de sentidos regida pela falta e pela falha.

Ao tratar da historicidade dos saberes e das línguas, é necessário deslocar efeitos de sentido estabilizados e revisitar os processos de constituição dos sentidos em cada época. Segundo Horta Nunes (2021, s/p), é preciso “observar os processos de constituição dos sentidos e com isso desconstruir as ilusões de clareza e de certeza”. Isso implica considerar a posição do sujeito que interpreta e analisa, reconhecendo que essa posição também é atravessada por ideologias e que a interpretação é sempre situada. Nesse sentido, a língua é compreendida como prática social atravessada por disputas e o sujeito como um lugar em

movimento, sempre já interpelado e constituído pelos discursos que circulam e se reinscrevem ao longo da história.

Enquanto tecnologia do saber, o dicionário se ancora naquilo que Pêcheux (2014) denomina ilusão referencial e ilusão de evidência, isto é, na crença de que os sentidos estão naturalizados/estabilizados nas palavras e de que o discurso apenas os reflete, apagando a historicidade e a opacidade da linguagem. Esse modo de compreender o dicionário produz um efeito de sentido de completude e de exatidão dos sentidos, como já mencionamos, sustentado pela ilusão de que esse instrumento linguístico abarca todas as palavras de uma língua e de que os sentidos que ali estão linearizados são evidentes.

Entretanto, pela perspectiva da AD, os sentidos não estão prontos e acabados, mas são compreendidos como históricos e instáveis. Conforme Pêcheux (2014, p. 146, *italico do autor*),

o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição não existe ‘em si mesmo’, (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual palavras, expressões, e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.*

Nos dicionários, assim como em outros tipos de texto, o discurso é atravessado por formações ideológicas e que, no discurso, se materializam por meio das formações discursivas. Pêcheux propõe chamar de formação discursiva “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (Pêcheux, 2014, p. 146).

É necessário lembrar, que, na ordem do discurso, as formações discursivas representam

as formações ideológicas, compreendidas por Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166), como “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. Desse modo, o sujeito dirá X ou Y, a depender da formação discursiva na qual se inscreve e que representa o modo como ele se relaciona com a ideologia.

Assim, a análise da designação do sujeito surdo nas obras em questão implica considerar as condições de produção dos dicionários recortados para análise e que segundo Orlandi (2015), englobam o contexto imediato, isto é, as circunstâncias da enunciação (o sujeito-autor e a situação) e o contexto sócio-histórico-ideológico em que foram produzidos, além da memória discursiva, que funciona como um fio invisível que vai “puxando” outros fios/discursos no eixo da formulação. Para Horta Nunes (2006), os fatores extralinguísticos como os sujeitos (lexicógrafos), as circunstâncias de enunciação e as filiações ideológicas do sujeito autor do dicionário interferem na constituição dos discursos.

No Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras (2001), os surdos são designados de ‘informantes’, enquanto no Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009), eles são designados ‘colaboradores’. Essas diferentes designações não são neutras, mas inscrevem o dizer em diferentes formações discursivas que marcam as transformações no modo como os sujeitos surdos vão sendo significados pelo Estado, pelos espaços institucionalizados do saber e até pela própria comunidade surda.

As designações ‘informantes surdos’ e ‘colaboradores surdos’ materializam sentidos que emergem do interior de formações discursivas distintas. Como observa Guimarães (2003), a designação não é um ato neutro, mas um gesto simbólico e histórico que posiciona o sujeito

em determinada rede de sentidos. Essas palavras “falam”, como diria Orlandi (2015), porque mobilizam memórias discursivas e fazem ressoar sentidos produzidos em outros lugares e tempos.

Nesse sentido, ao analisar as escolhas lexicais “informante” e “colaborador” nos dicionários, compreendemos que não se trata apenas de nomear, mas de inscrever o sujeito surdo em uma determinada posição-sujeito na construção do saber metalinguístico da Libras.

Vale destacar que os dois dicionários elencam os verbos ‘informar’ e ‘colaborar’, mas não os substantivos ‘informante’ e ‘colaborador’, que aparecem nos elementos pré-textuais dos dois dicionários.

Para compreender como os sentidos são constituídos nos dicionários de Libras, dos quais recortamos as designações aqui analisadas, recorreremos, inicialmente, os dicionários de Língua Portuguesa, que significam ‘informante’ como alguém que fornece informação, especialmente em pesquisas (Aurélio, 1999; Houaiss, 2008; Michaelis, 2008). Pelo viés do discurso, pode-se dizer que “informante” é o falante nativo que fornece dados sobre sua língua a um pesquisador. Desse modo, o sujeito surdo, designado como ‘informante’, nos elementos pré-textuais do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras de 2001, carrega uma historicidade marcada por relações de desigualdade, uma vez que ressoa, pelo funcionamento da memória discursiva, o lugar de subalterno, de quem fornece dados a outro (o pesquisador), sem coautoria no saber.

Esse modo de significar o sujeito surdo inscreve-se em uma formação discursiva que valoriza o pesquisador – que fala sobre a língua do surdo sem necessariamente vivenciá-la e sem ser atravessado por ela – e apaga a participação do sujeito surdo no processo de produção do dicionário, embora a equipe editorial seja composta majoritariamente por surdos e especialistas em Libras. Este dicionário não especifica a qual estado ou região do Brasil os surdos pertencem e isso torna-se um problema,

porque assim como todas as outras línguas, a Libras também varia conforme o espaço e tempo. Apesar dessas lacunas, a participação dos surdos na equipe editorial permitiu que os sinais e suas definições fossem representados de maneira autêntica e culturalmente adequada.

Já “colaborador”, nos dicionários Aurélio (1999), Houaiss (2008) e Michaelis (2008) é discursivizado como aquele “**que colabora. Quem colabora.** Aquele que trabalha em conjunto; parceiro de produção. O dicionário Aurélio (1999) significa o ‘colaborador’ com *co-autor* (grifo do autor) ou aquele que coopera com algo ou alguém, encaminhando para o efeito de sentido de valorização da participação ativa do sujeito-surdo no processo de produção do dicionário, buscando compensar (ainda que nem sempre de forma efetiva) a exclusão histórica dessa comunidade de fala.

No entanto, o sentido de ‘colaborador’ é ambíguo, podendo tanto produzir esse efeito de sentido de inclusão, de que o surdo, de fato assistiu/assessorou à produção do dicionário, pois ele “sabe sua língua” quanto pode significar que o sujeito surdo, historicamente silenciado, teve seu dizer controlado durante o processo de produção do dicionário, isto é, sua presença foi marcada, mas ainda assim, ele não foi considerado um sujeito-autor. Nesse sentido, a designação ‘colaborador’, quando esvaziada de conteúdo político-participativo, pode constituir apenas um simulacro de inclusão.

Compreende-se, portanto, que as designações ‘informante’ e ‘colaborador’ não são neutras nem meramente descritivas: elas inscrevem o dizer em diferentes formações discursivas, atravessadas por formações ideológicas, que definem o que pode ser dito sobre os sujeitos surdos, sob quais condições e a partir de que posições eles ocupam no processo de produção de um dos instrumentos linguísticos que colaboram para a produção do saber metalinguístico de Libras. Como lembra Pêcheux (2014), o sujeito é sempre constituído na/pela linguagem e atravessado pela ideologia

que determina aquilo que ele pode/deve, não pode/não deve dizer.

Na SD1, recortamos a página que elenca a equipe editorial do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras (2001). Note-se a presença maciça dos surdos, nas equipes de apoio, de revisores, de frente. Nesse sentido, pensamos que os sujeitos-surdos participaram ativamente do processo de produção do dicionário, ou seja, eles ocuparam a posição de sujeito-autores do dicionário, porque somente pode/deve descrever uma língua, quem a fala.

## Sequência Discursiva 01: Equipe Editorial do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras (2001)

### Equipe de apoio:

Akiê Okuma (informantes Surdos da Libras)  
Maria Christina R. Machado (informantes Surdos da Libras)  
José Millito (informantes Surdos da Libras)

### Equipes de colaboradores da Segunda Fase (janeiro a novembro de 1999):

#### Surdos informantes e revisores da Feneis-SP:

##### Equipe de frente:

Eduardo Sabanovaite (coordenador da equipe Surda de revisão da Libras)  
Sylvia Lia G. Neves (informante Surda da Libras e escrita dos sinais em *SignWriting*)  
Sandro dos S. Pereira (informante Surdo da Libras)  
Jair M. da Silva (informante Surdo da Libras)  
Ricardo Q. Nakasato (informante Surdo da Libras)  
Mirtes H. Hayakawa (informante Surdo da Libras)  
Juliana C. de Camargo (informante Surdo da Libras)

##### Equipe de Apoio:

Silvia Sabanovaite (informante Surdo da Libras)  
Elomena B. de Almeida (informante Surdo da Libras)  
Patrícia H. A. Nunes (informante Surdo da Libras)  
Flávio Grinevicius (informante Surdo da Libras)  
Patrick R. Gaspar (informante Surdo da Libras)  
Priscilla R. Gaspar (informante Surdo da Libras)  
Guilherme A. Queiroz (informante Surdo da Libras)

Fonte: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras (2001)

O Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009) evita a repetibilidade do termo ‘informante’ e passa a designar o sujeito surdo de ‘colaborador’. Por exemplo: colaboradores Surdos da Feneis –SP, colaboradores surdos da Associação de Surdos de Uberlândia, colaboradores surdos do Ceará e colaboradores intérpretes de Libras. Esse dicionário amplia o escopo de sinais já legitimados, incorporando variações regionais e expressões idiomáticas que são únicas para comunidades surdas em diferentes partes do

Brasil. Isso marca a diversidade da língua e a necessidade de um registro que considere essas particularidades, como apresentado na Sequência Discursiva 02.

## Sequência Discursiva 02: Equipe Editorial do Deit – Libras - Língua Brasileira de Sinais (2009)

### Equipe Editorial

Projeto original, levantamento e gestão de recursos humanos, tecnológicos e econômicos, coordenação geral da pesquisa, relatórios científicos e administrativos, e prestação de contas:  
responsável: Fernando C. Capovilla

#### Pesquisa dos sinais de Libras:

responsáveis: Walkiria D. Raphael, Fernando C. Capovilla  
colaboradora ouvinte: Alessandra Giacomet  
colaboradores surdos da Feneis - SP: Neivaldo Zovico, Elomena B. de Almeida, Moryse V. Saruta  
colaboradores surdos da Associação de Surdos de Uberlândia: Aparecida R. Rossi e Darci A. de Souza Costa  
colaboradores surdos do Ceará: Mardônio S. Aguiar, Gisele P. Gama, José I. Silva Filho, Sônia S. Nepomuceno, José A. Souza, e Maristela C. M. Amaral  
colaboradoras intérpretes de Libras: Neiva Aquino, Janice Temóteo, e Antonielle Cantarelli

Fonte: Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009)

Nesse dicionário, ainda que os surdos não ocupem a posição de sujeito-autor, eles têm destaque no processo de produção do Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009), tendo em vista que foram consultados em todas as etapas do processo, desde a definição dos termos a serem incluídos até a revisão final dos sinais. Além disso, profissionais surdos especializados em Linguística de Libras também foram contratados para garantir a qualidade e fidedignidade das traduções.

Nesse sentido, os sujeitos surdos, mesmo não sendo autores formais, ocupam uma posição-sujeito de autoria no processo de significação da Libras, pois, ao narrarem-se e ao serem narrados, esses sujeitos colaboram para identificação política do movimento surdo. De acordo com Skliar (1999, p. 12), “os surdos começam se narrar de forma diferente, a serem representados por outros discursos, a desenvolverem novas identidades surdas, fundamentadas nas diferenças”.

Portanto, os sentidos das designações que significam os sujeitos surdos como ‘informante’ e ‘colaborador’ nos dicionários de Libras vão se

cristalizando e se movimentando, evidenciando o funcionamento da ideologia no discurso, pois é pela interpelação ideológica que o sujeito se constitui e que os sentidos se estabilizam ou se deslocam. Como afirma Pêcheux (2014), a ideologia não se percebe, mas se experimenta no dizer.

As designações ‘informante’ e ‘colaborador’ não apenas nomeiam, mas produzem diferentes efeitos de sentido, marcando disputas legítimas da comunidade surda no processo de produção do saber metalinguístico da Libras, isto é, apontam para efeitos de sentido de que a participação de surdos na elaboração desses dicionários constitui uma demonstração clara da relevância da voz e da experiência da comunidade surda, na produção de instrumentos linguísticos de gramatização da Libras.

De qualquer modo, seja significado como “informante” ou como “colaborador”, os dicionários marcam a participação do sujeito-surdo no processo de gramatização da sua língua materna, conferindo legitimidade e validação à Libras como uma língua completa e funcional, aspecto essencial para a luta por direitos e reconhecimento da comunidade surda em diversos espaços sociais. De acordo com Orlandi (2014, p.161),

o saber a língua, o saber da língua na língua, daria ao sujeito um passo na direção de sua não alienação, na direção de ser capaz não só de formular como reformular e resignificar sua relação com a língua e com a sociedade. Elemento importante em sua possibilidade de resistência.

Nesse sentido, os surdos, ao se constituírem como sujeitos dentro das comunidades surdas, por meio de lutas políticas, por espaços culturais e linguísticos rompem com o silenciamento que lhes foi historicamente imposto. De acordo com Guerra (2021), ao narrar-se, o sujeito surdo abre espaço/lugar para o deslocamento de sentidos do ser surdo, passando a conviver em espaços diferentes.

Assim o dicionário, como instrumento tecnológico do saber da língua de sinais, interpela os indivíduos surdos em sujeitos da sua própria língua, dando-lhe vez e voz e permitindo-lhes compartilhar o conhecimento socialmente construído no exercício da cidadania.

## **Efeitos de Fechamento**

Ao analisar as designações ‘informante’ e ‘colaborador’ nos, Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – Libras de 2001 e no Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (2009, evidenciamos como o sujeito surdo é discursivizado em um dos instrumentos tecnológicos do processo de gramatização da Libras, a saber: o dicionário. Tais designações não são neutras, mas inscrevem o dizer em formações discursivas que mobilizam memórias sociais, marcadas por relações de força e por disputas por lugares de autoria e reconhecimento. A designação ‘informante’ remete a uma formação discursiva marcada por desigualdade científica, em que o sujeito surdo é significado como fonte de dados, mas sem coautoria no processo de produção do conhecimento.

Já a designação ‘colaborador’ emerge em uma formação discursiva que busca atualizar as lutas por representatividade e reconhecimento da comunidade surda. Contudo, mesmo nesse deslocamento, a autoria surda ainda é parcialmente interdita, permanecendo atrelada a lógicas de validação externa e mediação por sujeitos ouvintes.

Assim, a análise discursiva revela que os dicionários de Libras, enquanto instrumentos tecnológicos do saber metalinguístico, participam da construção simbólica da língua e dos sujeitos que a falam. Eles não apenas registram sinais, mas significam e (re-)significam posições sociais e políticas. A representação do sujeito surdo nesses instrumentos linguísticos aponta para avanços importantes, mas também

escancara os limites da inclusão simbólica sem a plena partilha da autoria. Portanto, reconhecer a historicidade dos sentidos é basilar para deslocar o sujeito surdo de um lugar de objeto de pesquisa para uma posição-sujeito autor, já que ele sabe a sua língua, condição necessária para a produção de uma política linguística verdadeiramente inclusiva e emancipadora.

## Referências

AIUB, Giovani Forgiarini; RODRIGUES, Cristina Zanella. O sujeito em movimento: processos de identificação, língua materna e língua estrangeira. *Revista Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v.19, n.1, p.193-208, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/wKgxh3PVFHMtN5pD-N466dyz/?lang=pt&format=html> Acesso em: 12 maio 2025.

AUROX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3ª ed. - Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

BRASIL. Lei 10.436/24/abril/2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). > Acesso em <https://www.gov.br/pt-br/assuntos/legislacao/leis/2002/10436.html> Acesso em 31 ago. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005: Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) > Acesso em 31 set. 2024.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Volume I: sinais de A a L. 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. Volume 1: Sinais de A à H.

GUERRA, Elenir. *Língua brasileira de sinais: ressonâncias de história e de memória*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava. Disponível em: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/1892>. Acesso em: 21 set. 2024.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. *Revista do Programa de Pós – Graduação em Letras*. Universidade Federal de Santa Maria, RS. p. 53 – 62. n. 26: (Jun. 2003) – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11880> Acesso em: 07 out. 2024.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: Análise e História do Século XVI ao XIX*. São José do Rio Preto/SP: Pontes, 2006.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras* (Taguatinga). v. 3 n. 1/2, p. 06 – 21, 2010. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rl/issue/view/140> Acesso em 07 out. 2024.

ORLANDI, Eni P. *Formação ou Capacitação?: duas formas de ligar sociedade e conhecimento*. In: Eliana Lucia Ferreira, Eni P. Orlandi (orgs). *Duas formas de ligar sociedade e conhecimento. Discursos sobre a inclusão* – Niterói: Intertexto, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 12. Ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. In: ORLANDI, Eni P. LAGAZZI RODRIGUES,

Susy. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Pontes Editores, 2017: Campinas, SP. – 3ª Edição.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª.ed.- Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, M. *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 7ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel; Catherine Fuchs. *A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas* (1975). Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma Análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-162.

PETRI, Verli. *O que pode uma palavra? Reflexões sobre a história da palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentidos na contemporaneidade*, p.37 – 62. In: PETRI, Verli. GUASSO; Kelly; COSTA, Thais. FREITAS, Francine de. Org. *Dicionários em análise: palavra, língua, discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SKLIAR, Carlos. *A localização política da educação bilíngue para surdos*. In. SKLIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

**Submissão: maio de 2025.**

**Aceite: maio de 2025.**